

Nos seus 25 anos

A Bajouca ao sabor dum lema: Unir e Construir

Fez, em 2 de Fevereiro, 25 anos que a Bajouca passou a ser considerada freguesia religiosa. "A Voz do Domingo" não quis deixar passar em branco esta data e dedica-lhe este espaço. Com certeza é pequeno para uma terra com uma alma imensa. Apenas quer ser uma homenagem à gente que, paulatinamente, foi escrevendo o seu próprio destino com uma vontade férrea, que só os grandes possuem.

Sem história nos livros

A paróquia da Bajouca é a mais setentrional da diocese de Leiria-Fátima. O facto de fazer fronteira com a diocese de Coimbra nunca a inibiu de participar activamente na vida diocesana. Pelo contrário, ao longo da sua história, curta, mas nem por isso menos rica, sempre marcou a sua presença numa maneira bem vinculada. É caso para dizer que os seus 25 anos de existência a tomam irreverente e criativa, características que são apanágio da juventude.

A História não reza muito desta freguesia. A sua existência recente não lho permite. Todavia, pelo que se nota da exposição patente no salão da igreja, não pode ser acusada da falta de grande vontade de querer afirmar cada vez mais o seu protagonismo.

A história está nas suas gentes

Regra geral, são os habitantes que fazem a história das terras onde vivem. As duas datas mais importantes da Bajouca — referentes à sua criação como freguesia civil e como paróquia — são a afirmação da vontade e da fé dum povo que pôs aos ombros a árdua tarefa de fazer da sua terra um espaço de que se pudesse orgulhar.

A Bajouca iniciou a sua obra praticamente do nada: "Tinha carreiros lamacentos, e a estrada de alcatrão mal chegava ao centro da freguesia". Decorridos 25 anos, com o arregaçar das mangas do seu povo, que não quis olhar para trás, tornaram-se visíveis obras que dão para medir a garra das gentes que as construíram.

Pés de barro

Ter pés de barro é ser frágil. Para a Bajouca sucede o inverso: a olaria tem funcionado como o cartão de visita da freguesia.

Há anos atrás, esta actividade sofreu o rumbo esperado. Com a expansão da indústria dos plásticos, a olaria ficou de rastos e com expectativas muito sombrias. Tanto assim foi, que o sucedido motivou um considerável fluxo migratório, levando parte da sua população a buscar sustento noutras paragens. Hoje, com a maior procura de objectos artesanais, a olaria anda subsiste. Podem con-

tar-se cerca de duas dezenas de profissionais do barro, cuja persistência foi lembrada com a recente inauguração do monumento ao oleiro.

A parte a olaria, os dois milhares de habitantes que compõem a freguesia ocupam-se com um sem número de actividades que vão desde a transformação de madeiras até à agricultura,



Deus presente em cada curva.

ra, passando pelos operários fabris, resinheiros, pedreiros, empresários, comerciantes, motoristas, etc..

Fé sem obras é morta

Os Bajouquenses sempre tiveram em si mesmos uma grande fé, uma grande crença nas suas capacidades. Esta força que os move levou-os a engrandecerem a sua terra com obras de vulto, que servem toda a população. Entre novas escolas, o edifício da Junta da Freguesia, o parque infantil, os campos de ténis, o centro de dia e as piscinas, os habitantes podem ufanar-se de terem construído um posto clínico sem um tostão das entidades oficiais. No meio disto tudo, nem se esqueceram mesmo de recuperar os velhinhos lavadouros públicos, tendo bem presente a necessidade de manter acesa a chama da tradição.

Mas não se fica por aqui. Os projectos futuros da Junta da Freguesia incluem o abastecimento a cem por cento de água ao domicílio, a cobertura das piscinas, a construção de um pavilhão desportivo, além do alcatramento das estradas.

Povo alegre e unido

A Bajouca nunca pôs de lado a formação cultural e o entretenimento do seu povo. Ao longo dos anos, houve sempre acontecimentos culturais que animaram as suas gentes. Na base destes acontecimentos estão duas associações, que dão um colorido diferente à vida da freguesia.

Em 1969 nasceu, a partir dos movimentos juvenis da Acção Católica, o Grupo Alegre e Unido (GAU). Desde sempre, esta associação, que só foi oficializada 10 anos mais tarde, assumiu-se como um dos principais motores do progresso com o seu lema "sempre unir". Actualmente, esta associação cultural e desportiva, com autonomia própria, abarca vários departamentos, tais como o rancho

folclórico, o futebol, o atletismo e o ténis. Em 1992, é fundada a ABAD — Associação Bajouquense para o Desenvolvimento, que vem complementar o GAU. Este organismo preocupa-se essencialmente com questões de ordem ambiental e patrimonial — é também sócio fundador do CEPAE. Uma das suas preocupações principais tem sido a zona do Pisão, o ex-libris paisagístico da freguesia, com a construção dum parque de merendas. A nível patrimonial, já recuperaram vários edifícios, como azenhas e fornos de pão e de cal. O futuro passa pelo investimento numa escola de música e numa ambulância.

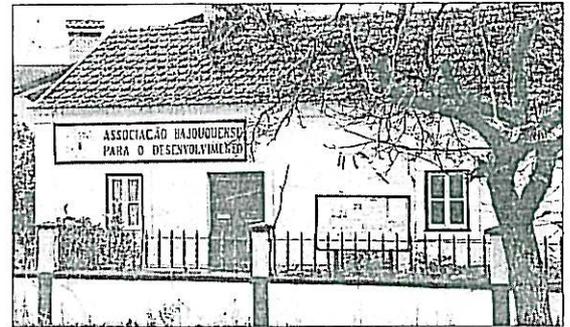
Com a ajuda de Deus

A Igreja sempre foi um dos grandes motores para a caminhada dos 25 anos; foi com ela e, talvez, dela que se desenvolveram grandes projectos e se deu força a grandes ideias. "Na encruzilhada da vida, do tempo e da história, Deus está presente em cada curva da estrada". A fé do povo da Bajouca está expressa nas "almi-nhas", pequenos nichos com figuras sagradas, que povoam as estradas.

Não é por acaso que a construção da igreja e da residência paroquial são dois marcos importantes. A religiosidade que os move fez com que da

ra sáissem sete padres e 27 freiras. Se descrevêssemos a actividade paroquial da Bajouca, seria fastidiosa. Para termos uma ideia, entre movimentos e organismos eclesiais, existe a Acção Católica Rural, o conselho económico, a catequese, o grupo de jovens, a Conferência de S. Vicente de Paulo, o renascimento carismático, a irmandade de

ca a falta de empenho dos jovens dentro da Igreja, a Bajouca tem o grupo de jovens ALFA (amigos ligados pela força da amizade) que, embora não sendo propriamente uma associação, tem objectivos bem definidos: ajudar os jovens a crescer em todos os aspectos. Para tal, têm a seu cargo várias actividades, tais como a exibição de



A sede da ABAD.

Nossa Senhora do Rosário, o Apostolado da Oração, o conselho pastoral, os cursos de cristandade, o Movimento Esperança e Vida, o movimento da Mensagem de Fátima...

Numa época em que tanto se criti-

ca a falta de empenho dos jovens dentro da Igreja, a Bajouca tem o grupo de jovens ALFA (amigos ligados pela força da amizade) que, embora não sendo propriamente uma associação, tem objectivos bem definidos: ajudar os jovens a crescer em todos os aspectos. Para tal, têm a seu cargo várias actividades, tais como a exibição de

□ PAULO ADRIANO

Na conversa com...

Em todas as terras há pelo menos uma pessoa como o Arménio Pedrosa. O nosso entrevistado sempre viveu na Bajouca e por ele dedicou grande parte do seu tempo e do seu empenho. Foi animador do grupo de jovens, estando à frente de muitas iniciativas por ele realizadas, e actualmente é catequista, está no Conselho Paroquial, faz parte da Assembleia da Freguesia e da Direcção do Centro de Dia, para não falar das comemorações dos 25 anos da Bajouca.

Esta conversa é apenas um pretexto para conhecermos melhor a sua freguesia e para homenagearmos todos aqueles que fizeram e fazem crescer as terras por onde passam.

A Voz do Domingo (VD) — Por ter sido animador de jovens é um conhecedor da realidade juvenil da Bajouca. Como a define?

Arménio Pedrosa (AP) — Na Bajouca, a juventude tem tido uma presença constante ao longo destes 25 anos. Tanto que o Grupo Alegre e Unido é uma associação que foi fundada a partir dos grupos de jovens da altura que estavam inseridos na Acção Católica. Actualmente existe o grupo de jovens ALFA. Não é um segundo grupo rival do GAU, mas apenas pretende complementar os objectivos deste último através de actividades mais ligadas à Igreja.

VD — Quais foram as razões que estiveram na base do desenvolvimento da Bajouca nestes 25 anos?

AP — Só se explica por uma coisa que eu tenho afirmado sempre: as pessoas só conseguem construir, se estiverem unidas. Só a união das pessoas consegue a construção dum freguesia como é o caso da Bajouca.

Entre os anos 80 e 82, tivemos uma experiência negativa neste campo. Por motivos vários, entre querelas religiosas e civis, não se construiu nada nesta altura. Inclusive, a igreja estava em construção e estagnou. Sempre que as pessoas não dearam as mãos, esteve-se parado.

VD — O progresso de que se falou não teve, então, factores de relevo, mas foi obra de todos...

AP — Não poderemos destacar pessoas isoladas, embora haja sempre motores. A nível civil, temos tido um presidente da Junta que se tem dado de alma e coração. Ele não está lá por

amor ao dinheiro, mas sim por amor à terra. É uma pessoa que tem feito tudo por tudo para que a freguesia se desenvolva. Mas sozinho também não conseguia ir muito longe. Ele, e a nível de Igreja, tem formado um grupo de pessoas, não muitas, que depois conseguem agregar outras e conseguem galvanizar a freguesia no sentido de fazer algo de útil.

VD — Como vão ser os próximos 25 anos? Quais são os projectos a médio e longo prazo?

AP — 25 anos é muito tempo. Há projectos no ar, é preciso é que as pessoas não percam a esperança. Se as pessoas sonharem, é importante. Desde que sonhem com os pés assentes no chão.

A nível de Igreja, se o dinamismo juvenil se mantiver, temos já algumas sementes lançadas que podem germinar e dar fruto no futuro. É preciso que haja apoio da parte da estrutura da Igreja. Estamos a atravessar uma fase difícil neste aspecto, mas que deve ser passageira. Há que criar uma imagem de Igreja diferente, viva e dinâmica. Temos que pensar, sobretudo, na participação das pessoas.

A outro nível, a freguesia encontra-se ainda carenciada de bens essenciais. De há seis anos a esta parte, tem-nos sido constantemente prometida água ao domicílio. Não é verdade que seja culpa da Junta. A Câmara, em dois mandatos consecutivos, é que fez essas promessas. Temos também necessidade dum estrutura coberta para a prática do desporto. Há esforços nesse sentido.

Sobretudo são precisos espaços e formas de as pessoas se fixarem à terra, porque a maioria das pessoas tra-

balha fora. Não temos grande indústria, embora a olaria comece a ocupar bastante gente. Podemos correr o risco de as pessoas se desintegramem e preferirem os centros urbanos por possuírem outro tipo de condições.

VD — A exposição comemorativa...

AP — Eu estive dentro do esquema da montagem da exposição. Foi aquilo que se conseguiu fazer. O ponto principal das comemorações dos 25 anos é a exposição. Mas não queremos que se fique por aqui. Temos previstas para este ano duas ou três actividades que não podemos realizar por não ter salão: um grande espectáculo musical e uma reacção ao vivo das profissões que estão presentes na exposição. Outro projecto para 1998 será pôr em livro todos os dados que fomos recolhendo para a exposição. Além disso, aqueles objectos que conseguimos arranjar vamos tentar guardá-los para um possível museu. Sabemos o que sofremos para conseguir arranjar agora aquelas peças.

VD — Como é a participação das pessoas na vida religiosa paroquial?

AP — As pessoas da Bajouca podem dividir-se em duas camadas.

Há aquelas que têm uma participação consciente. Temos cerca de 80 catequistas para 200 crianças. Há quatro ou cinco movimentos de apostolado a funcionar. Há todo um dinamismo criado, que engloba uma quantidade de gente bastante grande.

A outra camada de pessoas vai um pouco por tradição. Isso nota-se na quantidade de missas que é celebrada por mês pela mesma pessoa.

Os jovens entre os 14 e os 25 anos são bastante participantes, nunca estão parados, fazem montes de actividades, apesar de serem contestatários das actuais estruturas da Igreja. Eles querem espaços que lhes são negados pelas estruturas instaladas, que gostam de ver tudo arrumadinho. É mau sinal quando está tudo arrumado; é sinal de que ninguém frequenta esses espaços...

□ PAULO ADRIANO



O forno do Pisão.